

A CONSCIÊNCIA DA LITERATURA: DE CANDIDO E SCHWARZ AO CONTEMPORÂNEO

THE CONSCIOUSNESS OF LITERATURE: FROM CANDIDO AND SCHWARZ TO
THE CONTEMPORARY

Deivanira Vasconcelos Soares¹

Resumo: Como a literatura contemporânea brasileira pode ser analisada partindo dos conceitos da tomada de consciência do subdesenvolvimento e tomada de consciência de cultura discutidas em Candido e em Schwarz? Em vista dessa questão, essa resenha estabelece um diálogo entre as importantes reflexões desses autores em textos do fim do século passado e a literatura contemporânea mais recente, datada a partir do decênio de 2010. Desse modo, essa breve exposição intenta perscrutar, necessariamente, além das inquietações dos teóricos, a apresentação geral da literatura contemporânea e sua caracterização de autoria, tema e estilo, por vezes em um contraponto com o que afirmam os estudiosos. A base desse texto, então, é a retomada do entendimento desses teóricos nos ensaios *Literatura e subdesenvolvimento* (1986) e *Fim de século* (1999), respectivamente de Antônio Candido e Roberto Schwarz.

Palavras-chave: Candido; Schwarz; Literatura contemporânea; consciência sociocultural.

Abstract: How can contemporary Brazilian literature be analyzed based on the concepts of awareness of underdevelopment and awareness of culture discussed in Candido and Schwarz? In view of this issue, this review establishes a dialogue between the important reflections of these authors in texts from the end of the last century and the most recent contemporary literature, dating from the decade of 2010. In this way, this brief exposition intends to scrutinize, necessarily, beyond from the theorists' concerns, the general presentation of contemporary literature and its characterization of authorship, theme and style, sometimes in contrast with what scholars claim. The basis of this text, then, is the resumption of the understanding of these theorists in the essays *Literature and underdevelopment* (1986) and *End of century* (1999), respectively by Antônio Candido and Roberto Schwarz.

Keywords: Candido; Schwarz; Contemporary Literature; sociocultural awareness.

¹ Mestra em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão – Brasil. Doutoranda em Letras na Universidade Federal de Santa Maria – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9333-3549>. E-mail: dv.vasconcelosrosa@gmail.com.

1 SALTO DE CONSCIÊNCIA: ASPECTOS DE CONFIGURAÇÃO LITERÁRIA

Os textos de Candido (1986) e de Schwarz (1999) situam o país daquele contexto de 1960/70/80 e dos anos anteriores e apontam para problemas de cultura que vivenciamos no Brasil de 2021. O desenvolvimento tecnológico contemporâneo, a explosão de comunicação com a difusão da internet e de *streaming*, para além do cinema, da rádio e TV, dos quadrinhos, por assim dizer, de uma ficção de massa, desenharam outro cenário cultural (e de convívio) sobre o qual é válido refletir. A sociedade do espetáculo, para usar a expressão de Guy Debord, ganhou novo degrau.

Os anos de 1990 e 2000 se passaram entre variados discursos que situavam o Brasil como país com promessa de futuro. Um país de terceiro mundo em pleno desenvolvimento. Um latino-americano com todas as potencialidades para alcançar o patamar dos países de primeiro mundo, europeus e do norte da América. Aquele lugar subjetivo ocupado pelas grandes potências econômicas mundiais estivera no horizonte do projeto de nação que o Brasil ocupava. Nesses decênios, como confirma a história mais recente, o Brasil passou do lugar de subdesenvolvimento, perscrutado por Antonio Candido e Roberto Schwarz, ao de desenvolvimento, pontuado pelos jornais como parte das dez maiores economias mundiais.

Em *Literatura e subdesenvolvimento*, o professor Antonio Candido conjectura sobre o impacto que a consciência do subdesenvolvimento, anterior aos anos 1930 e o iniciado nos anos de 1950, provocou na produção literária do Brasil. Essa consciência impulsiona uma mudança de postura na escrita literária, que antes dos anos 30 se escrevia com exotismo e grande valorização da natureza, ou mesmo idealizando o homem indígena ou não urbano, de modo geral, conferindo-lhe um cavalheirismo europeu estranho

a sua realidade. Isso se devia, explica o professor, à postura de ex-colônia, país novo, ou mesmo país sem uma identidade cultural que imita a todo custo os exemplares países desenvolvidos. A esse comportamento, Candido chama “fase de consciência amena de atraso”.

A literatura classificada nos estudos tradicionais como “regionalista” rompeu com essa romantização da terra e do homem e olhou de frente para o problema da seca, da falta de políticas públicas, pontuou as relações de paternalismo explorador entre o empregador e o trabalhador rural, construiu um tecido ficcional que refletia a falta de educação formal.

De modo geral, como tomada de consciência de nação e de povo, a literatura de 30 transitou, como denúncia ou protesto, retratando o “país novo”; na fase da consciência catastrófica de atraso, correspondente à noção de ‘país subdesenvolvido’”. (CANDIDO, 1986, p. 142). Consciência crua do Brasil onde falta o básico para o povo, para a cultura, para a existência da literatura. O teórico diz que

Desde o decênio de 1930 tinha havido mudança de orientação, sobretudo na ficção regionalista, que pode ser tomada como termômetro, dadas a sua generalidade e persistência. Ela abandona, então, a amenidade e curiosidade, pressentindo ou percebendo o que havia de mascaramento no encanto pitoresco, ou no cavalheirismo ornamental, com que antes se abordava o homem rústico. Não é falso dizer que, sob este aspecto, o romance adquiriu uma força desmistificadora que precede a tomada de consciência dos economistas e políticos. (CANDIDO, 1986, p. 142).

A literatura, nesse sentido, ainda que escrita para um público restrito de alfabetizados e interessados, por variadas razões, pelo texto ficcional, antecipou o problema da sociedade iletrada e inculta, que não poderia consumir produto “erudito” por não ter acesso a ele (ou por não sabe-lo) por razões culturais, resultantes da inanição política e econômica em relação a população geral que, ao que tudo indica, ainda não fazia parte do “projeto de futuro do Brasil”.

A restrição ao produto cultural, que herdamos dos colonizadores da América Latina, como afirma Candido, fez-se acentuada pelo analfabetismo persistente nas comunidades do Brasil. Para os tempos contemporâneos, a afirmação do teórico se atualiza, pois tornou-se lugar comum de fala, nos meios acadêmicos e do jornalismo, o “analfabetismo funcional”, quando o estudante se torna capaz de decodificar textos, mas não consegue formular raciocínios independentes e críticos a partir das leituras.

O fator analfabetismo, seja o real ou o funcional, alcançou em novos tempos o caráter de denúncia, por assim dizer, de um processo de educação formal que, mais abrangente, não satisfaz o grande público no que concerne a uma formação básica potente, consistente e profunda, posto que não alfabetiza para a crítica, para a cultura, para a libertação pregada por Paulo Freire e para a vivência do direito à literatura dita por Candido em outro texto.

Assim, o analfabetismo atravessa a história do Brasil, ganhando novos formatos e continua sendo “o traço básico do subdesenvolvimento no terreno cultural.” (CANDIDO, 1986, p. 142). Nossos alunos/as da educação básica leem os comandos básicos da vida cotidiana e lidam com novos equipamentos tecnológicos, acessando, por exemplo, a uma enxurrada de propaganda de diversos produtos, ideia e comportamentos, enquanto o projeto de educação mais comum continua exigindo dos professores/as que os formem para o vestibular.

No mesmo sentido, nossos leitores jovens, e mesmo adultos, consomem uma ficção que obedece aos comandos da grande indústria, inclusive de audiovisual norte-americana, e se forma leitora sem conseguir acessar produtos variados da literatura ou do cinema, posto que o grande movimento de influência conflui para o mesmo lugar. A indústria cultural, mais que em qualquer outro tempo, como já alertou Adorno (1947), domina o olhar do

público, a ficção a que ele tem acesso e até o seu ideal de entretenimento e momento de lazer.

Nesse contexto, Adorno afirma: “Quanto mais sólidas se tornam as posições da indústria cultural, tanto mais brutalmente esta pode agir sobre as necessidades dos consumidores, produzi-las, guiá-las e discipliná-las, retirá-lhes até o divertimento” (Adorno, 2021, p. 37). Posto assim, ao falarmos dos impactos que os meios de comunicação recentes e as redes sociais exercem sobre o usuário também executamos uma entrada no lugar escuso que ocupa a cultura e as relações interpessoais no contemporâneo.

Somos, ainda, o país “sob intervenção”, não mais das ditaduras (tampouco no sentido de que copiamos as obras literárias (de arte) dos países desenvolvidos), nem somente dos modelos da “grande” cultura dos países desenvolvidos, mas, essencialmente, reféns da indústria da cultura de massa, que escancaradamente produz olhares e necessidades mecânicas, num sem limite de estado-nação somente possível pelas invenções desses últimos anos de redes sociais e internet.

Permanecemos, sem pessimismo exagerado, sob a intervenção dessa indústria, ao mesmo tempo em que conseguimos manter a “vigilância” apregoada por Candido, em passagem que muito combina com a atualidade: “a fim de não sermos arrastados pelos instrumentos e valores da cultura de massa, que seduzem tantos teóricos e artistas contemporâneos” (CANDIDO, 1986, p. 146). Vale pontuar que há um movimento, que chamaremos aqui de *contracultura contemporânea*, que ocupa os espaços de mídia que vendem ideias e produtos (culturais) constantemente.

Nessas ações de contrariar a grande indústria cultural, as redes sociais e os sites de compartilhamento de vídeos estão cada vez mais sendo utilizados por professores, pesquisadores, historiadores e escritores de literatura para

divulgar aulas, livros de ficção e de não ficção, para discutir assuntos que antes só eram possíveis de acessar em Universidades.

São exemplo disso: Canais do *YouTube*, como *Tempero Drag* e *Tese Onze*, apresentam conteúdos teóricos referenciados e importantes para o saber popular, para a formação crítica e convidam a uma atuação cidadã mais consciente; escritora da área da filosofia, Djamila Ribeiro usa redes sociais para divulgar seus livros e palestras e participa do *ranking* de livros mais vendidos de 2020, 2021 e 2022; nomes da história, Lilia Schwarcs e Mary del Priore usam esses meios de comunicação de massa para divulgar aulas, livros e *lives* em que tratam de assuntos importantes sobre a realidade do Brasil, sobre a história mais recente e mais antiga, que se repete e se refaz.

Os nomes da educação e da cultura atendem, nesse sentido, mesmo com todos os entraves criados pelos algoritmos no espaço da *internet*, o conselho do professor Antônio Candido. Além da divulgação da ficção e da poesia, apresentam matérias primordiais para alfabetizar com o fim no pensamento reflexivo e para o acesso às variadas formas de pensamento, leituras de mundo e de texto:

Com efeito, não esqueçamos que os modernos recursos audiovisuais podem motivar uma tal mudança nos processos de criação e nos meios de comunicação, que quando as grandes massas chegarem finalmente à instrução, quem sabe irão buscar fora do livro os meios de satisfazer as suas necessidades de ficção e poesia. (CANDIDO, 1986, p. 143).

É nesse cenário de contradições, de denúncia de analfabetismo funcional, de falta de acesso de uma grande parte da população ao básico para uma vida digna, que o Brasil de 2021/22 tem em seu *ranking* de vendas de livros o nome de Itamar Vieira Jr, com o livro *Torto Arado* (2019), atingindo a marca de cem mil exemplares vendidos, conforme consta na lista da PublishNews. O sucesso de venda é resultado tanto da divulgação do próprio autor e da editora

responsável pela tiragem quanto pelo compartilhamento de pessoas famosas e com público numeroso em redes sociais.

A antiga propaganda de boca a boca, que circulava em meios limitados, tornou-se propaganda de publicação e compartilhamento em redes sociais que gera lucros para empresas, mas também distribui conhecimento variado e literatura. O mesmo meio que serve à propagação de notícias falsas e de ofensas pessoais, e é usado como canal de desinformação, também convém à divulgação do texto literário, das produções de cinema de arte, de peças de teatro que se adaptam para o formato remoto (live), de textos de política, psicologia e história.

O livro de literatura nacional, *Torto arado*, retrata, de modo muito pertinente, as relações de trabalho entre os trabalhadores rurais e os donos de terra. O romance chama a atenção, para além do regionalismo com que possam classificá-lo, pelo universalismo na construção de um enredo realista que assume roupagem de exploração do trabalhador desde muito tempo no interior da Bahia ou do Maranhão, do Rio Grande do Sul, do Pará ou do Goiás e mesmo para além das nossas fronteiras nacionais.

A obra insinua, pelas vozes narradoras, de certo modo, o trabalho como protagonista. O enredo apresenta adultos analfabetos, crianças sem acesso à educação formal, o uso da religiosidade afrodescendente pelos exploradores, a condição de racismo a que muitas famílias sobrevivem no campo. A cena de pobreza de tudo, às vezes mais outras vezes menos acentuada, a depender da ordem da natureza, pode ser lida como tema que resulta da exploração do trabalhador/a. O texto, que podemos dizer, dialoga com a literatura de 30, pelo desnudamento do Brasil esquecido nos meios rurais, adota uma linguagem de posicionamento político-social conectada em seu discurso ao nosso tempo.

A tomada de temas sociais, que acontece no romance citado e em outros desse decênio, com discurso político definido, e centrado em temas e personas

brasileiras, reforça para a literatura nacional aquilo que Schwarz assinalava para se referir às efervescências em volta do Cinema Novo. Há, pode-se dizer, na literatura contemporânea, além da diversidade de autores e estéticas “um momento forte de tomada de consciência contemporânea, nacional e de classe, que se traduziu por uma notável desprovincianização do pensamento” (SCHWARZ, 1999, p. 157). Acrescentamos a isso, não uma consciência de gênero e de raça, que sempre existiram ao revés da possibilidade, mas um espaço conquistado e firmado nos últimos anos por esses grupos na literatura e em textos de teoria.

Torto arado (2019) aborda temas relevantes para o Brasil. De modo singular, põe como protagonista uma grande população imersa na exploração, de tal modo que ainda não lê literatura. Em questões de narrativa e de identidade estética, o texto se distancia de certa movimentação fragmentária e de multiplicidade de gênero da literatura contemporânea, sobretudo no romance, e apresenta narradoras tradicionais, observadoras, ora homo ora heterodieéticas, para usar a tradição da narratologia na classificação.

O ponto central da trama é o problema do Brasil atual que se arrasta desde muito na nossa história. Na escolha das narradoras, o romance consagra uma tríade que narra a si e às dores de quem não pode contar e enredar a própria história. O olhar do autor, como de tantos outros contemporâneos, reivindica um grito de socorro e de protesto.

Às voltas com o tema central, é o Brasil desigual que se apresenta pelas personagens da história. A narrativa conta a vida simples das pessoas, em suas andanças pelo trabalho com a terra. Descreve a injustificada propriedade latifundiária e a relação medieval, que se perpetua pelo interior do Brasil, de senhor e servo. O ponto dessa história é que ela é assertiva em desenhar o humano como explorador do humano. O mal não é natural ou catastrófico e

inevitável, o mal da exploração e do trabalho análogo a escravidão é um projeto de enriquecimento exercido por pessoas comuns no campo e na cidade.

Os temas dados como superados por Antônio Candido, como influência, cópia, imitação ou nacionalismo patriótico em obra de arte parecem não ser preocupação dos escritores contemporâneos. Talvez a ideia de influência e a necessidade de buscar uma originalidade, em forma ou tema, seja uma questão superada pelos escritores, ainda permeada pelos críticos ou teóricos. Nossos escritores e escritoras voltam-se para problemas reais do Brasil e retratam na ficção nossas fraturas históricas.

Provável que a literatura no Brasil vivencie hoje, ao passo que dialoga sobre questões universais, um exercício de olhar para si sem a menor necessidade de copiar as tendências mundiais, mesmo que a inter-relação entre os países seja inegável (talvez por isso). Conforme afirma Candido,

Sabemos, pois, que somos parte de uma cultura mais ampla, da qual participamos como variedade cultural. E que, ao contrário do que supunham por vezes ingenuamente os nossos avós, é uma ilusão falar em supressão de contatos e influências. Mesmo porque, num momento em que a lei do mundo é a inter-relação e a interação, as utopias da originalidade isolacionista não subsistem mais no sentido de atitude patriótica, compreensível numa fase de formação nacional recente, que condicionava uma posição provinciana e umbilical. (CANDIDO, 1986, p. 154).

Em contraponto ao projeto de identidade nacional patriótica que se operou parcamente nos modernistas e, antes deles, nos românticos, segundo Candido, apenas é possível assinalar que as literaturas contemporâneas do Brasil, ultrapassando a consciência de subdesenvolvimento e de terceiro mundo, ocupam-se de ficcionalizar temas cruciais para a sociedade.

A ficção contemporânea discute assuntos do movimento negro, feminista, de trabalhadores, de violência urbana, de ditaduras e de sem terras. A realidade narrada nos jornais em muito se aproxima em suas contações com

o romance cru da atualidade, seja ele o de Conceição Evaristo, Ana Paula Maia, Patrícia Melo, Milton Hatoum ou B. Kucinski.

Esse ponto de consciência que se configura na realidade e reconfigura no texto, em aproximação com a luta de classes, forma a literatura contemporânea e dialoga com aquilo que foi apontado por Roberto Schwarz em *Fim de século*, “a consciência de que a exploração de classe no plano interno e as grandes desigualdades na ordem internacional se alimentavam reciprocamente e que era necessário enxergar as duas em conjunto.” (SCHWARZ, 1999, p. 157).

Desse modo, a composição estética de textos como *Enterre seus mortos* (2018), de Ana Paula Maia, e *Mulheres empilhadas* (2019), de Patrícia Melo, com passagens que chegam a causar repulsa ao leitor, dado o realismo brutal com que as cenas são criadas, corroboram com a “estética da fome” que o teórico aborda ao falar de Glauber Rocha e pontuam essa literatura nacional voltada para nossas questões sociais que, por seu lado, não deixam de problematizar fraturas nas organizações de outros países do mundo, inclusive os evocados como “desenvolvidos” ou de “primeiro mundo”.

Na distopia de B. Kucinsk, *A nova ordem* (2019), a história penetra pelo Brasil sob uma ditadura que destrói órgãos, estruturas de estado e pessoas, sistematicamente. O governo que se instaura é contrário ao pensamento crítico e a qualquer liberdade e estabelece como inimigo os chamados “utopistas”. As cenas da narrativa retomam fatos da história do Brasil, das guerras mundiais e das ditaduras que assolaram a América Latina. Desse modo, o livro conta uma ficção ao passo que provoca estranhamentos no leitor por ele conhecer tão intimamente os referentes que o texto retoma, fazendo assim com que o leitor não se estabeleça somente no pacto de leitura de ficção, mas parta quase que instantaneamente para o âmbito da realidade do Brasil contemporâneo. Esses livros citados colocam o Brasil, seu povo e suas tradições no espelho.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, o início desse século parece muito produtivo e dinâmico nas obras literárias. Posto isso, as temáticas e autorias podem ser lidas como o resultado de uma ampliação de condições de escrita, antes muito restrita à certos centros urbanos, culturais, grupos econômicos e de gênero.

Os retalhos de Brasil que se expressam nas obras da literatura contemporânea talvez sejam as maiores e mais coerentes entradas na nossa cultura, com disposição a olhar as entranhas dessa nação, em uma vertente de consciência política, de classe, de gênero e de raça. O realismo salta aos olhos e a todos os sentidos.

Os meios usados para divulgar essas obras, físicas ou e-book, como redes sociais, lojas virtuais ou compartilhamento de influenciadores com experiências de leitura também são relevantes porque criam uma ideia de democratização de acesso ao texto de arte. Os meios de convívio nas redes são meios ímpares para alcançar públicos outrora improváveis como leitores de textos literários. A intervenção da cultura de massa é usada, à contragosto, para levar a literatura, a crítica, a história, a filosofia e as artes gerais. Entre as *selfies* de *makes* e corpos perfeitos, stories de rios e estradas, que espetacularizam singularmente a sociedade, eis uma citação de Ferreira Gullar, “a arte existe porque a vida não basta”.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas. In: *Indústria cultural e sociedade*. 13. ed. São Paulo: Paz e terra, 2021.

KUCINSKI, Bernardo. *A nova ordem*. São Paulo: Alameda, 2019

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1986.

SCHWARZ, Roberto. Fim de século. In: *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. 1ª Reimpressão. São Paulo: Todavia, 2019.

Recebido em 22/08/2022.

Aceito em 03/02/2023.